

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Tribuna Class.: Chico Mendes
 Data 16/12/90 Pg.: 290

Promotoria pede a condenação de Darli e Darci

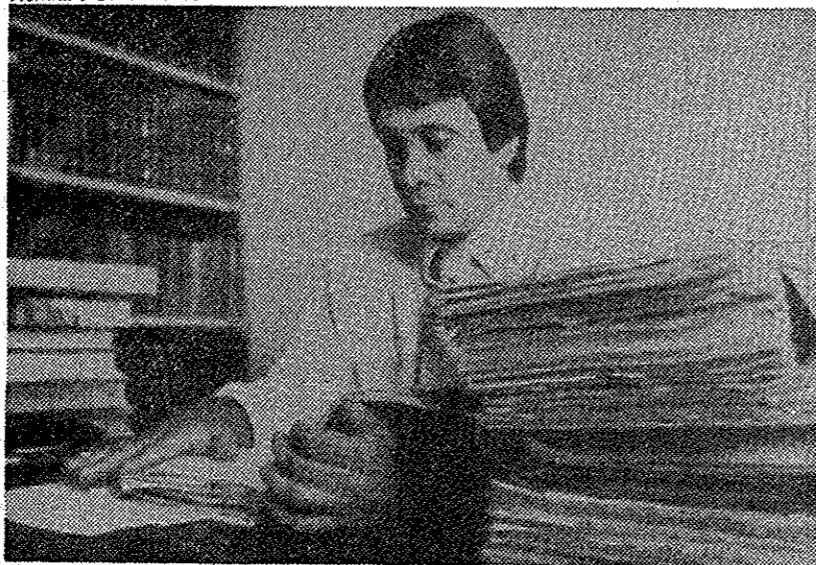
XAPURI — O promotor Eliseu Buchmeier pediu ao Conselho de Sentença do caso Chico Mendes a condenação dos fazendeiros Darli Alves da Silva e Darci Alves Pereira por crime de tocaia com motivos torpes, que pode significar para os acusados penas de 12 a 30 anos.

Pelo andamento dos trabalhos, o julgamento do pai Darli e do filho Darci, que completou seu quarto dia, deverá ser encerrado nas primeiras horas de hoje, horário de Brasília.

Buchmeier disse ao Corpo de Sentença que a condenação de Darli e de Darci não encerra o trabalho da Justiça na apuração de crimes cometidos pela família Alves. "Nos próximos dias vou abrir investigação para apurar a morte de Zequinha, um menor que roubava objetos em Xapuri e vendia para Darli. Zequinha foi morto nas proximidades da Fazenda Paraná porque a polícia estava investigando que tinha comprado uma lata de 200 litros do herbicida Tordon, e esse material estava com Darli".

Esse crime foi denunciado pela testemunha-chave da acusação, o garoto Genésio Ferreira da Silva, que depôs na sexta-feira. Genésio era amigo de Zequinha. "O julgamento deverá acabar com a saga assassina dessa família. Desde 1958 os Alves praticam crimes de emboscada, porque essa é

Hermínio Oliveira/ABR



Promotor Buchmeier também quer condenar a impunidade da família Alves

a marca registrada da família", acusou o promotor. O primeiro crime atribuído a Darli ocorreu no município de Ipanema, na região do Vale do Rio Doce, em Minas. Há uma certidão no cartório de Ipanema — exibida aos jurados — que mostra Darli e seu irmão Alvarino como acusados pelo assassinato do garoto Manoel Alves Pinto, de 6 anos, e de seu pai Pedro Alves Pinto.

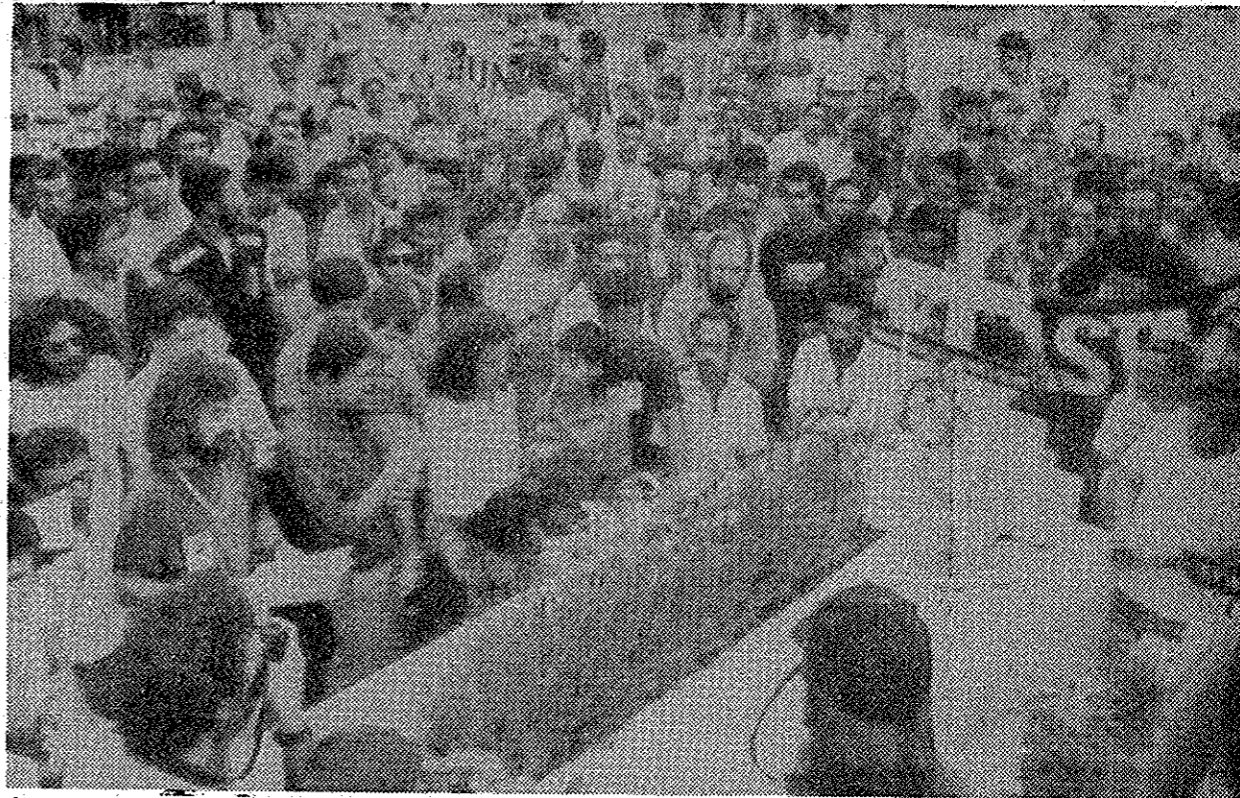
FIM À IMPUNIDADE

A Promotoria tem procurado mostrar que a condenação de Darli e de Darci representa algo maior que uma punição pela morte de Chico Mendes. É a condenação à impunidade com que os Alves se acostumaram por todos os locais em que passaram. Foi assim em

Umuarama, no Paraná, com a morte do madeireiro Acir Urizzi, e de outros assassinatos não esclarecidos e em Xapuri, onde são acusados de mais seis mortes e de terem implantado na cidade um clima de terror.

A assistente de acusação Sueli Belatto abriu sua participação nos debates com uma provocação ao advogado de defesa João Lucena Leal, citado no livro *Tortura nunca mais*. Ela protestou contra a anistia dada aos que cometeram crime de tortura. Lucena Leal que a todo custo tenta evitar que a acusação toque neste assunto, esboçou um gesto de protesto. Na sexta-feira ele havia feito um acordo com Márcio Thomaz Bastos pa-

Olavo Rufino/AE



Os seringueiros da região promoveram uma passeata em homenagem a Chico Mendes, que completaria 46 anos.

ra que nos debates se evitasse falar sobre a acusação do livro de Arquidiocese de São Paulo.

Sueli Belatto lembrou que estão acompanhando o julgamento duas viúvas de pessoas mortas por Darli. Cumprimentou o promotor Eliseu Buchmeier e o juiz Adair Longuini por sua atuação no processo. Buchmeier e Sueli fizeram apelos ao Corpo de Jurados para que ninguém fique atemorizado com ameaças, pois a partir de agora termina o regime de terror em Xapuri, disseram.

Crítica ao processo de ocupação

XAPURI — O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Jair Meneguelli, e representantes de entidades sindicais, ambientalistas e de direitos humanos divulgaram ontem a *Carta de Xapuri*, na qual pedem não apenas a condenação de Darli Alves da Silva e de seu filho Darci Alves Pereira. Mas "do modelo político e econômico que propicia crimes contra os povos da Amazônia, contra a natureza e o futuro da humanidade".

"A condenação dos réus não encerra o processo", sustenta o documento, depois de observar que a ação da família Alves e de outros pistoleiros na Amazônia só foi possível porque esteve amparada por uma política "de ocupação a ferro e a fogo das terras brasileiras". Para os signatários da *Carta de Xapuri*, muitos dos culpados não foram

ainda punidos pelos crimes que aconteceram na Amazônia, incluindo políticos e autoridades do Governo anterior que continuam ligados ao poder no atual Governo. "O julgamento de Xapuri atinge apenas o rabo da cobra e é preciso chegar até a cabeça", diz a Carta.

O documento afirma que, na Amazônia, vivem índios, seringueiros e ribeirinhos, os chamados povos da floresta, que a partir do processo de ocupação deflagrado na década de 70 foram atropelados pela destruição violenta da região. "A Amazônia não é um deserto, mas é ocupada por povos que resistem e que correm o risco de ser destruídos", acrescenta o documento, citando o caso do processo de extermínio dos índios ianomamis, em Roraima.

Xapuri faz passeata em homenagem a Chico Mendes

XAPURI — Uma passeata com a participação de cerca de 300 pessoas marcou ontem em Xapuri, a homenagem dos seringueiros da região ao aniversário do líder sindical e ecologista Chico Mendes, que completaria 46 anos. A caminhada partiu da frente da sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri — fundado por Chico Mendes — e seguiu pelas ruas da cidade até o cemitério onde está enterrado o corpo do sindicalista.

Na frente do túmulo, o bispo de Rio Branco, Dom Moacir Grechi auxiliado pelo padre de

Xapuri, Luís Ceppi, rezou uma missa curta em um tom bastante emocionado. "Recusai o batismo pelo fogo das metralhadoras e as águas da cobiça", disse o bispo logo na abertura da homenagem. Depois, Dom Moacir citou um trecho do Apocalipse — capítulo 21, versículos de 1 a 18 — que se refere à corrupção e à luta do bem contra o mal. "A corrupção dará lugar ao bem" — destacou.

EMOÇÃO

Carregando um buquê de rosas, a viúva de Chico Mendes, Ilzamar, hoje casada com o ve-

reador Júlio Nicácio (PT), também estava bastante emocionada. Durante a missa, Ilzamar chorou várias vezes. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, Osmarino Amâncio, ameaçado de morte, também não conseguia disfarçar a emoção.

Logo depois da passeata, os seringueiros realizaram um ato público na frente da casa onde Chico Mendes foi morto, hoje transformada em sede da Fundação Chico Mendes. Os manifestantes fizeram uma entrega de flores, dos prêmios recebi-

dos pelo sindicalista e também da cabrita — instrumento para cortar a seringueira — usada por Mendes.

Três mulheres, cujos maridos foram mortos pela família Alves da Silva também participaram do ato. Jucilete Cavalcanti, de Surubim (PE), Maria José de Oliveira Urizzi, de Umuarama (PR), e Dirce Caldeira Mesquita, de Porto Velho (RO) foram convidadas a dar seus depoimentos. Elas acusaram o fazendeiro Darli Alves da Silva de cometer vários assassinatos em suas cidades.

Acusação quer o fim da impunidade

XAPURI — O advogado Márcio Thomaz Bastos, assistente da acusação no julgamento dos implicados no assassinato do líder sindical Chico Mendes, fez ontem, durante mais de uma hora e 42 minutos, um dos mais emocionados pronunciamentos do julgamento até agora. Ele destacou aos jurados a importância e a repercussão que o caso Chico Mendes alcançou no mundo inteiro, lembrando que a condenação dos réus — Darli Alves da Silva e seu filho Darci Alves Pereira — poderia ser o início de um processo desencadeado contra a impunidade. "Na hora em que as testemunhas souberem que eles não vão sair da cadeia, os outros envolvidos serão condenados", disse.

Durante sua exposição, o advogado fez questão de repisar para os jurados a covardia da família

Alves da Silva, lembrando por diversas vezes os crimes atribuídos a ela desde 1950, que se caracterizavam por motivos torpes e feitos sempre pelas costas das vítimas, de tocaia. "Esses homens não reconhecem a Justiça, não acreditam na Justiça. Acham que estão acima do bem e do mal. Resolvem a bala, com método e cuidado, porque matam de emboscada e de tocaia, e impedem que a vítima tenha qualquer chance de defesa", afirmou Bastos.

Por várias vezes Thomaz Bastos reiterou aos jurados que o maior interessado na morte de Chico Mendes era Darli, depois que Chico Mendes trouxe a Xapuri a carta precatória de Umuarama para a sua prisão. "Não tenho dúvida de que foi o Darli quem mandou o Darci matar o Chico Mendes", disse Bastos. "Darci foi o boi de piranha"

Legistas confirmam co-autoria

XAPURI — Os depoimentos dos legistas Nelson Massimi e Fortunato Badan Palhares no julgamento do caso Chico Mendes ajudaram a desmontar, ainda mais, as teses que os advogados de defesa de Darli Alves da Silva e Darci Alves Pereira prepararam. Os dois afirmaram, no final da noite de sexta-feira, que, pelos exames periciais feitos na época do inquérito sobre o assassinato e pela reconstituição do crime, houve co-autoria. A defesa tenta provar que não houve e que apenas Darci, que confessou o crime, teria participa-

do. Os termos técnicos dos exames periciais narrados pelos legistas confundiram os advogados. Até que Armando Reigota, da defesa, tentou encontrar pontos fracos no laudo pericial, mas o confronto en-

tre ele e as testemunhas de acusação, transformou-se em um combate desigual. Reigota levou para o tribunal um caderno cheio de anotações sobre termos como ácido desoxirribonucleico (DNA) e se confundiu todo. Muitas vezes, teve que ser socorrido por Massimi. "O senhor não estaria querendo dizer um termo diferente?" — perguntava sempre o perito.

Encerrada a inquirição de Massimi e de Palhares — que a defesa havia prometido arrasar em frente ao Conselho de Sentença restou aos advogados João Lucena Leal, Armando Reigota e Rubens Lopes Torres a esperança de vencer o promotor Eliseu Buchmeier e o assistente de acusação Márcio Thomaz Bastos nos debates. "Agora é que vamos ver quem tem mais gôgó" — brincavam Torres e Leal.